



A Presença de Obras Ficcionais na Biblioteca Imperial e em Documentos Pessoais da Família Imperial Brasileira

LARISSA DE ASSUMPÇÃO¹

Os estudos de História Cultural abrangem pesquisas cujo objetivo é entender a circulação de livros com base em informações sobre o contexto em que se deu a sua primeira circulação e a sua produção. Roger Chartier (2002), em seu texto *História e Literatura* explica a importância desse tipo de abordagem, enfatizando que é necessário

(...)dar (...) atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, sustentam as operações de construção de sentido (na relação de leitura mas também em muitas outras) (...) [e] reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as ideias são descarnadas e (...) que as categorias dadas como invariantes, quer sejam filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 2002)

Dessa forma, e com base nessa proposta de considerar, como fonte para a compreensão da circulação e leitura de uma obra, o contexto em que ela circulou primeiramente, diversos estudos têm sido realizados com bases em fontes primárias, como anúncios de jornais, leilões, inventários, cartas e catálogos de bibliotecas².

Nesse estudo, serão utilizados como fonte de pesquisa o catálogo de livros da Biblioteca Imperial do Brasil e o acervo de cartas de caráter privado trocadas entre o Imperador Dom Pedro II e a Princesa Isabel entre os anos de 1855 e 1889. Dessa forma, pretende-se compreender como se dava a circulação e a leitura de obras de prosa ficcional (gênero que engloba romances, novelas e contos) pelos membros da mais alta elite brasileira do século XIX.

¹ Mestrando em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

As análises presentes nesse artigo farão parte da minha dissertação, intitulada “A Realeza Lê Romances: Presença de obras ficcionais nas bibliotecas e documentos pessoais das Famílias Imperiais do Brasil e da Rússia” e orientada pela Profa. Dra. Mácia Abreu.

A pesquisa que deu origem a esse artigo foi financiada pela FAPESP e CAPES, através de bolsa de mestrado, nº do processo: 2016/06129-3 - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP e da CAPES.

² Ver, por exemplo, os estudos desenvolvidos pelos pesquisadores do projeto temático “A Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX”, coordenado pela Profa. Dra. Márcia Abreu e pelo Prof. Dr. Jean-Yves Mollier, disponíveis em: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/>



O interesse apenas pelas obras de prosa ficcional se deve ao fato de que estas tiveram grande circulação no século XIX, e atingiram grande parte do público amplo do período, que podia encontrá-las em jornais (através dos folhetins), gabinetes de leitura e bibliotecas públicas, ou comprá-las por meio dos diversos livreiros e leiloeiros que atuavam no Rio de Janeiro na época. O interesse especial pela prosa ficcional também se baseou no fato de que, apesar do seu inegável sucesso de público, esse gênero foi inicialmente muito mal recebido pelos críticos literários, pois não fazia parte das poéticas clássicas, atingia diversos tipos de público (incluindo mulheres e pessoas de baixa renda) e tratava de situações consideradas imorais, o que era visto como um “perigo” imenso para os leitores (ABREU et al, s/d).

Além disso, é preciso considerar que, devido à má reputação das obras desse gênero e à sua associação com o público amplo e a momentos de lazer faz com que ele não seja muito associado, na historiografia, à Família Imperial. Por isso, esse estudo busca compreender a presença de romances na biblioteca da aristocracia brasileira, por meio da análise das línguas e locais de edição e de seus autores mais frequentes; e nas cartas trocadas entre o Imperador Dom Pedro II e a Princesa Isabel, em que esses membros da Família Imperial costumavam fazer comentários sobre as leituras que eles estavam realizando e suas opiniões sobre algumas obras.

A Presença de romances na Biblioteca Imperial do Brasil

A Biblioteca Imperial do Brasil fazia parte do Palácio de São Cristóvão, moradia da Família Real Portuguesa, que veio para o país em 1808, e das famílias de Dom Pedro I e Dom Pedro II. Após a Proclamação da República, em 1889, o Imperador Dom Pedro II doou ao Brasil todos os livros e coleções da Família Imperial, através de uma carta destinada ao seu advogado e procurador Silva Costa, enviada em 1891³. Após a separação dos livros da Família Imperial, cerca de 24.270 obras foram para a Biblioteca Nacional, onde hoje fazem parte da Coleção Teresa Cristina. Essa parte da Coleção contém a maioria das obras ficcionais publicadas em volumes (665 títulos), e por isso foi o objeto de estudo dessa pesquisa.

Um dos dados que podem ser analisados a partir desse acervo de romances são línguas de edição do catálogo. O levantamento das edições dos romances no acervo permite identificar as línguas com as quais os membros da Família Imperial tinham familiaridade, e também

³ Essa carta pode ser encontrada na edição de 1891 da revista do IHGB. Ver: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographie, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1891.



perceber indícios sobre a circulação de romances no século XIX. Esses dados podem ser melhor visualizados através do gráfico a seguir:

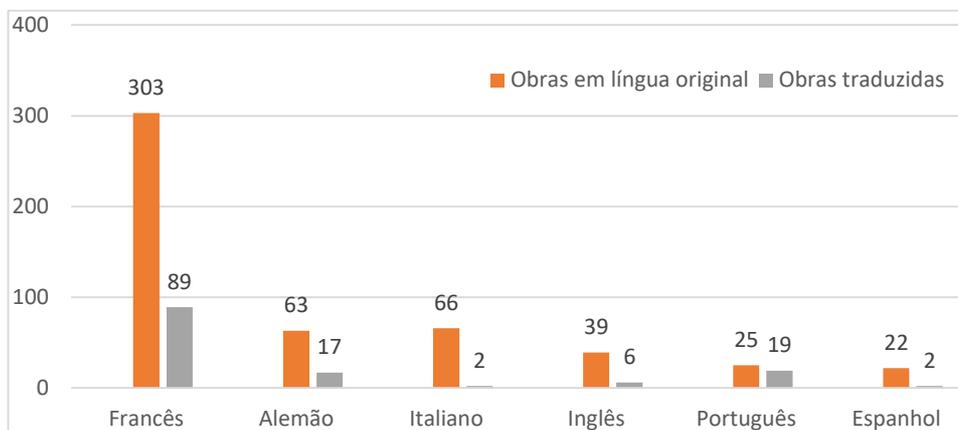


Gráfico 1 - Quantidade de obras ficcionais originais e traduzidas por língua

Nota-se, a partir do gráfico, que a língua francesa é a que mais se destaca nas duas categorias. O predomínio do francês, tanto entre as obras originais quanto entre as traduções expressa a grande predominância cultural e literária da França e dos romances franceses, que são os que mais se destacam em catálogos de bibliotecas, nos anúncios de livreiros, em obras publicadas em forma de folhetim etc (MÜLLER, s/d). É esse movimento em torno da cultura e das obras francesas que talvez tenha exercido influência nas escolhas de leituras realizadas pela Família Imperial. Nesse caso, é interessante notar como os membros da Família Imperial seguiam a mesma tendência que estava presente em outros países e continentes do período para fazer suas escolhas literárias.

O alemão também se destaca no gráfico: afinal, quase todas as obras publicadas primeiramente nessa língua foram obtidas em sua versão original. As exceções são traduções de 16 dos romances de Walter Scott, que, conforme será visto mais adiante, é um dos escritores de maior destaque no acervo, e uma tradução de *Dom Quixote*. A aquisição de traduções para essa língua sugere que esta era de fácil acesso para quem obteve as obras e, o fato de todas datarem da primeira metade do século XIX pode ser um indício de que elas pertenceram à Imperatriz Leopoldina ou a outro falante dessa língua que vivia no palácio.

As obras em italiano também foram obtidas predominantemente em língua original, com exceção de uma tradução de 1856 de *Fabiola or the Church of the Catacombs*, de Nicholas Wiseman. O mesmo acontece com as obras em inglês, que é a língua de edição de grande parte



das obras escritas por autores britânicos, e que é a língua de tradução de apenas alguns romances originalmente publicados em alemão, francês e uma obra russa de Turgueniev. É interessante notar como tanto as obras em alemão foram obtidas em inglês, quanto estas últimas foram adquiridas em tradução para o alemão. Isso mostra como as traduções para diferentes línguas e em diferentes contextos circulavam entre os países do período.

O português é uma das línguas que se destaca entre as traduções: 19 obras originalmente publicadas em francês, inglês e italiano foram obtidas em línguas portuguesa. Entre elas, estão *Les Mystères du Peuple*, de Eugène Sue (em tradução de 1851, *Zadig*, de Voltaire (tradução de 1819), *Les Stuarts*, de Dumas (de 1841), *Aventures de Trois Russes et Trois Anglais dans l'Afrique Australe*, de Jules Verne (edição não datada) e *The Last of the Mohicans*, de Fenimore Cooper (de 1858) e *The Pilot* e *The Spy*, do mesmo autor (em traduções de 1838 e 1840, respectivamente).

Ao analisarmos os autores de maior destaque na biblioteca, é possível notar novamente a predominância europeia: a maioria dos autores com mais de uma obra no acervo são de nacionalidade francesa, inglesa ou alemã. O nome dos autores com mais obras podem ser visualizados na tabela abaixo:

Nome do autor	Número de obras
Carl Franz van der Velde	24
Walter Scott	19
Alphonse Karr	12
Eugène Sue	12
Félicité de Genlis	12
Émile e Alexandre Chatrian	10
Benjamin Disraeli	10
Miguel de Cervantes	9
Ann Radcliffe	8
Maria Edgeworth	7
Madame Augustus Craven	7
Florian	7
Joseph Méry	7
Caroline Pichler	6
Charles Nodier	6



5 Tabela 1: Autores com o maior número de obras ficcionais na Biblioteca Imperial do Brasil

O autor de maior destaque no acervo é o alemão Carl Franz van der Velde. Escritor com o maior número de obras em língua original do catálogo, Van der Velde aparece com 24 de seus romances em língua alemã, todos publicados entre os anos de 1819 e 1826. Esse autor foi muito popular na Europa durante o século XIX, e escrevia romances históricos que, ambientados em lugares exóticos e em tempos distantes, atraíam o público leitor (SCHUSTER, 1982). Segundo Durrani e Preece (2001), o grande sucesso de van der Velde na Alemanha se deve à popularidade das obras também de caráter histórico do escocês Walter Scott, que iniciou, a partir de 1820, uma grande procura do público da Alemanha por romances históricos, e por um “Scott alemão”. Essa busca fez com que alguns romancistas, como Carl Franz van der Velde, Carl Spindler, Caroline Pichler, Willibald Alexis e August von Witzleben passassem a ser apreciados pela crítica.

O romancista Walter Scott, que parece ter inspirado autores como Carl Franz van der Velde a escreverem romances históricos, também se destaca na Biblioteca Imperial, sendo o segundo autor com o maior número de obras. O acervo conta com 19 obras desse romancista, mas nenhuma delas está na língua original inglesa: do número total de romances, 16 estão traduzidos para o alemão e 3 traduzidos para o francês. Autor de grande circulação e sucesso tanto de crítica quanto de público, Walter Scott foi um dos escritores mais populares do século XIX, o que explica o grande número de edição de suas obras, publicadas em diferentes formatos e sua ampla circulação em diversos países, incluindo o Brasil (VASCONCELOS, 2008).

Alguns dos autores de língua francesa também contêm grande parte de suas obras na biblioteca. É o caso de Eugène Sue, que aparece com 12 romances no acervo, que incluem três edições diferentes de seu famoso romance *Les Mystères de Paris* e uma edição em português de *Os Mistério do Povo*, editada no Rio de Janeiro em 1851.

Outros escritores franceses populares com grande quantidade de romances no catálogo são Émile Erckmann e Alexandre Chatrian, que tem 10 de seus romances na biblioteca, todos escritos em francês e publicados em Paris. Esses dois irmãos escreviam suas obras em conjunto, que eram assinadas com o nome Erckmann-Chatrian. Ao longo de sua vida, eles publicaram mais de 60 volumes de pequenas histórias, romances e peças de teatro, e suas obras, que descreviam a vida nas cidades da França e promoviam o patriotismo diante de eventos históricos, foram muito elogiadas por autores como Flaubert e Zola (PRZYBOS, 2016). Além



disso, seus romances fizeram grande sucesso de público, o que pode ter influenciado na descoberta desses autores pelos membros da Família Imperial Brasileira.

Em destaque estão, também, as mulheres escritoras, como a escritora Felicité de Genlis (1746-1830), que aparece com 12 de seus romances, e Madame Augustus Craven (1808-1891), que aparece com 7, ambas com todos os romances em língua francesa. Segundo Martine Reid, Felicité de Genlis foi uma escritora de grande sucesso de público, e obteve grandes ganhos de dinheiro com suas obras (REID, 2011). E o sucesso de seus romances não se estenderam ao território francês. Segundo Taís Franciscon (2015), Genlis está entre os romancistas mais anunciados no jornal *The Times*, de 1800 a 1820, aparecendo com 25 obras. A presença de seus romances na Biblioteca Imperial mostra que seus livros também chegaram ao Brasil, por meio dos livreiros ou de importações realizadas pelos membros da Família Imperial.

Outro destaque são as escritoras de língua inglesa, tais como Maria Edgeworth, que tem 7 de seus romances no catálogo e a escritora gótica Ann Radcliffe, com 8 romances. Porém, ao verificarmos a língua em que estão as edições dos romances dessas escritoras inglesas no acervo, percebe-se novamente o predomínio da língua francesa sobre os romances escritos originalmente em inglês: apenas 3 dos 7 romances de Edgeworth estão na versão original inglesa, e todos os romances de Ann Radcliffe são de versões traduzidas para o francês.

Os romancistas de origem portuguesa também estão presentes, ainda que com poucas obras, no acervo da biblioteca da Família Imperial Brasileira. Dentre os autores de língua portuguesa do catálogo destacam-se o português Alexandre Herculano (1810-1877) com dois de seus romances, ambos traduzidos para o espanhol: *Eurico el Presbítero* (em uma tradução de 1875) e *El Monje del Cister* (tradução de 1877). É interessante notar como os livros desse autor de língua portuguesa não foram adquiridos na versão original pela Família Imperial do país que tinha essa língua como materna. Esse dado, além de mostrar a formação cultural elevada da Família Imperial, que falava outras línguas além do português, também é uma evidência de que, mesmo entre as línguas de menor destaque na circulação de impressos no século XIX, como o português e o espanhol, as obras eram traduzidas e importadas.

Entre autores de língua portuguesa na biblioteca estão também os brasileiros Pedro Ribeiro Vianna, que aparece com seu romance *O Roubo de um Diamante* (edição de 1881), João Manuel Pereira da Silva (1817-1898), com *Jeronimo Corte Real* (edição de 1865) e Machado de Assis, com uma edição de 1884 de seu livro *Histórias Sem Data*.

Os dados sobre os romances e romancistas que mais se destacam na Biblioteca Imperial mostram como, em uma biblioteca da elite brasileira do século XIX, livros de diversos estilos e períodos conviviam e eram adquiridas ao mesmo tempo: o acervo contém romances



históricos, obras provenientes de publicações em folhetim, autores ligados ao público “culto” e ao público mais amplo, traduções para diversas línguas, etc. Esses dados se opõem às afirmações de grande parte das histórias literárias de que haveria uma estética predominante em cada período literários, uma cronologia e uma preferência dos leitores⁴. A partir das informações apresentadas, é possível perceber como a Família Imperial, como os outros leitores do período, formaram o seu próprio repertório de leitura, que poderia conter ou não os autores que posteriormente seriam canonizados.

A Presença de romances em cartas trocadas entre o Imperador Dom Pedro II e a Princesa Isabel

Ao longo dos anos em que o Imperador e a Princesa Isabel trocaram cartas (e que vão desde 1855, com o início da educação da princesa, então com nove anos, até período próximo à Proclamação da República), foram muitas as opiniões compartilhadas nesses documentos sobre práticas de leitura e opiniões sobre livros e autores. A partir da leitura dessas cartas, é possível perceber quais eram os critérios utilizados pela Família Imperial Brasileira para julgar um romance como sendo bom ou ruim.

Em uma carta enviada em fevereiro de 1868, por exemplo, a Princesa diz ao pai que está lendo *Les Puritains d'Écosse*, e que ele “era muito bonito”. Trata-se, aqui, de uma tradução para o francês do romance histórico *Old Mortality*, de Walter Scott, lançado em 1816. É interessante notar, também, que esse livro estava sendo lido em uma tradução francesa, e 52 anos depois da sua publicação original, o que mostra a permanência de algumas obras no repertório dos leitores do século XIX. É difícil saber o que a princesa quis dizer quando afirmou que esse livro é “bonito”: é possível que ela estivesse se referindo às descrições do autor o, ao enredo ou ainda a aspectos da materialidade do livro.

Uma obra sobre a qual a princesa expressou uma opinião mais clara é a *Flamarande*, de George Sand. Na carta, datada de 8 junho de 1875, ela escreveu: “A Condessa me encarrega de lhe dizer que acabou de ler *Flamarande* e que já mandou a revista ao Mathias. Ela acha o fim muito brusco e nunca pensou que [ilegível] casasse com Berthe. Toda esta gente devia ter acabado solteirona.”. *Flamarande* foi publicado pela primeira vez na *Revue des Deux Mondes*

⁴ Sobre isso, ver: ABREU, Márcia. Problemas de História Literária e Interpretação de Romances. In: **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**. v.16, n.2, p.39-52, 2014.



(periódico francês de grande circulação), entre fevereiro e maio de 1875. Pelo que a princesa escreveu sobre ter mandado a revista a outra pessoa após terminar a leitura, é possível afirmar que ela leu justamente essa primeira publicação do romance, que provavelmente acompanhou durante todos os meses em que ele saiu no periódico em questão. Esse dado mostra não apenas como havia grandes diferenças entre os títulos de romances e os autores lidos pela elite e pelo público mais amplo do século XIX, mas também que também era possível que não houvesse diferenças entre os suportes utilizados para a realização dessas leituras. A partir desse dado, é possível verificar que a elite não se interessava apenas pela alta literatura ou por edições de luxo, que poderiam servir como ornamento para suas bibliotecas: eles também acompanhavam obras publicadas de forma seriada em periódicos que, segundo as informações das cartas, poderiam ser lidos juntamente com amigos da família, como é o caso da Condessa. Além disso, esse dado mostra que era possível que um leitor do Brasil estivesse lendo a mesma obra, ao mesmo tempo, no mesmo periódico que um leitor francês: afinal, se a última parte do romance saiu na revista em 1º de maio de 1875, em 8 de junho uma pessoa do Brasil já havia acabado sua leitura. A circulação de impressos, assim, permitia a formação de um mesmo repertório de leitura entre pessoas de diferentes partes do mundo.

A Princesa Isabel também aproveitou a carta para dizer a opinião da amiga sobre a obra de Sand, o que permite perceber indícios sobre as formas pela qual eles avaliavam os romances: ela diz que a Condessa não gostou do fim muito brusco, o que é uma crítica ao enredo, e também faz um comentário sobre os personagens, afirmando que não esperava que eles se cassassem. A utilização desses critérios parece estar de acordo com a forma pelas quais era comum que os romances fossem avaliados no início do século XIX.

Segundo Márcia Abreu (2016), que analisou de forma comparativa as avaliações de romances em textos críticos produzidos entre 1780 e 1830 por letrados brasileiros, portugueses, franceses e ingleses, um dos elementos esperados para julgar um livro como sendo bom era que

(...) o enredo manifestasse uma boa invenção, pela adequada escolha de episódios, e fosse apresentado com ordem e nexos, sem passagens forçadas e pouco naturais, evitando digressões e desvios do núcleo central (...), conduzindo a um desfecho surpreendente, mas plausível. (ABREU, 2016, p.375)

Há muitas semelhanças, portanto, entre essa forma de avaliação e o que a Condessa, alguns anos depois, esperava de um romance. É possível, assim, que essa maneira de avaliar textos, e que provavelmente estava presente em críticas publicadas na imprensa e em periódicos



da época, fizesse também parte do imaginário de alguns leitores e fosse utilizada por eles na hora de julgar uma obra como sendo boa ou ruim.

Um outro critério utilizado pela princesa para falar de romances é a moral. Em carta de 22 de janeiro de 1877, ela afirmou: “O Macedo publicou ultimamente a Baronesa do Amor. Afinal é moral, mas para mostrar a moralidade, mostra imoralidades demais”. O livro comentado aqui é de Joaquim Manuel de Macedo, de 1876. Novamente, há o caso de uma obra sendo lida pela Família Imperial do Brasil em um período muito próximo ao de sua primeira edição.

É interessante que a Princesa tenha utilizado o critério da moral para avaliar negativamente esse livro: afinal, esse foi um dos elementos mais utilizados para julgar os romances quando o gênero surgiu, no século XVIII, e também na primeira metade do século XIX. Segundo Márcia Abreu, a moralidade foi um dos critérios mais empregados pelos críticos do início do século que, “fiéis aos preceitos horacianos, esperavam uma combinação entre instrução e deleite, à qual associavam a moralização, que seria obtida por meio de enredos em que o vício fosse castigado e a virtude, premiada” (Idem, p. 371). A princesa do Brasil, assim, parece não ter aprovado uma obra que tinha entre seus objetivos a instrução moral, mas que fazia isso mostrando os vícios, e não as virtudes.

Em outra missiva, de 1877, a Princesa mostrou mais alguns critérios que utilizava para julgar um romance, ao dizer que leu *Danseuse de Shamakha*, obra que ela julgou curiosa e afirmou que a havia divertido. Ela está tratando de uma obra de Gobineau, publicada dentro da obra *Nouvelles Asiatiques*, em 1876, que foi mencionada em outras cartas da Família Imperial. Gobineau estava presente com três de suas obras na Biblioteca Imperial, mas que não são essa cuja leitura foi mencionada nas cartas. Quando fala sua opinião sobre a obra, a princesa pareceu utilizar o critério do efeito sobre o leitor, dizendo que o livro foi capaz de entretê-la. Se considerarmos que, segundo as opiniões expressas pela Família Imperial em seus documentos pessoais, as obras de prosa ficcional deveriam ser utilizadas para momento de lazer, é compreensível que a Princesa Isabel tenha julgado uma obra de maneira positiva por ter atingido esse objetivo.

A forma de avaliar romances fica ainda mais clara com a leitura de uma série de cartas enviadas no ano de 1868, nas quais o Imperador e a filha discutiram o romance *A Morgadinha dos Canaviais*, de Julio Dinis, publicado pela primeira vez em 1868. A narrativa desse livro gira em torno da história de Henrique de Souselas, um jovem rico, que se deprime com a vida urbana e se muda para o campo, onde conhece uma jovem por quem se apaixona e não é correspondido. No final da história, ele se casa com uma amiga dela, por quem se enamora após ser rejeitado



É difícil saber o que levava os membros da Família Imperial a escolherem determinada obra para suas leituras. Porém, é possível supor que um dos fatores que podem ter influenciado na escolha desse romance específico é o fato deste se tratar de uma obra nova de um autor que eles já conheciam. Esse fato parece se confirmar com base em uma missiva datada de 2 de outubro de 1868, em que a Princesa Isabel escreveu: “Já acabei a Família Inglesa de que muito gostei, Papae manda-me agora a Morgadinha dos Canaviaes do mesmo autor”. Aparentemente, ela desejou ler a Morgadinha porque havia gostado de um outro romance do autor. Essa informação explícita como o nome do autor fazia a diferença, e a sua fama importava para a elite na hora de escolher as obras que queriam ler.

No dia 13 de outubro, Dom Pedro II respondeu que já estava com o volume em mãos e, no dia 9 de novembro, que já havia terminado sua leitura e iria começar o segundo volume, mas queria esperar para comentá-lo após a filha tê-lo lido. A preocupação em esperar para escrever suas opiniões a respeito do livro por ter dois motivos: o Imperador poderia querer que a filha desse seu juízo sem a influência da opinião dele, ou estava preocupado em não revelar o enredo que, como já visto antes, era um critério de avaliação importante dentro dessa família.

Em 15 de novembro, a princesa escreveu para o pai:

Amanhã parte para o Rio um moço negociante que vai em 4 dias buscar remedios para um amigo que está doente aqui. Como é pessoa capaz mando-lhe por elle esta cartas e as que devem ir para a Europa, bem como o primeiro volume da Morgadinha que já li. Gostei muito, mas não de metterem tanto a bulha cousas religiosas bem que algumas com effeito sejam censuraveis. Pobre do herbanario! Gosto muito de Augusto, da Morgadinha também e de Christina. Desejo que o Sr. Henrique de Souselas se corrija. E Angelo! E Ermelinda! Não me falta tempo para ler por cá.

A partir do trecho, é possível perceber que a Princesa Isabel leu o livro em menos de um mês, e que os critérios para a análise da obra aparentemente não haviam mudado ao longo dos anos, pois ela analisou A Morgadinha dos Canaviais de forma muito parecida com a que ela analisava os romances lidos em anos passados. Os critérios mais empregados, aqui, são os personagens e os acontecimentos do enredo. Ela também fez um comentário sobre os temas abordados pelo autor, em que discute o emprego da religião, que ela não acreditava que deveria ter sido discutida da maneira que foi. Além disso, ela parecia estar novamente envolvida com a narrativa, torcendo para que seus personagens preferidos ficassem bem no final.



Em 18 de novembro, o Imperador escreveu que achou muito justas as reflexões da filha, ⁴ que estava lhe enviando o 2º volume da obra. Esse novo livro foi comentado pela princesa em carta do dia 29, menos de uma semana depois. Nas palavras dela:

Muito obrigada por sua carta do dia 18 e pelo Segundo volume da Morgadinha. Já comecei a le-lo e gostei muito da cena no cemitério. Está bem descripta também uma que vem logo no principio do romance. Quem viaja por lugares onde as estradas são tão boas como as de cá aprecia-a muito. O Sr. Henrique a final é bom moço, estragado pela má sociedade que tinha em Lisboa, espero que se corrigirá. O que sentirá o pobre do Angelo quando souber que Ermelinda morreu! Agora estou no lugar em que sabe-se da segunda chegada dele ao osteiro. O conselheiro é que é em falho de consciencia e compaixão.

Novamente, nota-se que a princesa fez uma leitura rápida da obra, e que estava novamente envolvida com o enredo de um romance, expressando tristeza com a morte dos personagens, cuja construção é discutida. Ela também valorizou, novamente, a descrição feita pelo autor, provavelmente por se assemelhar muito à realidade de Portugal. A princesa parecia tão apegada ao romance que encerrou essa carta com um “abraço bem apertado d’essa sua Morgadinha”. Ela estava, provavelmente sem perceber, fazendo aquilo que os críticos mais condenavam, e misturando a realidade com a ficção.

No dia 1º de dezembro de 1868, menos de um mês após receber o volume de seu pai, a Princesa escreveu dizendo que já o havia finalizado, e que ele “acabou como se supunha”⁵.

Esse exemplo, bem como os das outras cartas expostas nesse trabalho, mostra como os romances faziam parte do cotidiano dessa família, talvez da mesma forma ou até mais do que em famílias menos abastadas. Dom Pedro II, sua esposa e suas filhas pareciam dedicar um bom tempo de seu cotidiano à realização dessas leituras (em voz alta ou de maneira individual) e depois trocar informações, indicações e opiniões sobre elas em sua correspondência diária.

Os dados aqui apresentados trazem indícios sobre a relação entre a Família Imperial Brasileira e os romances, mostrando que obras desse gênero estavam presentes na Biblioteca Imperial e eram bastante lidas pelos membros da aristocracia, apesar de não serem muito relacionado a eles pela historiografia. Além disso, a presença de obras estrangeiras e publicadas em diferentes épocas e lugares no acervo na biblioteca da elite e em seus documentos pessoais

⁵ No trecho citado, a princesa escreveu: “Já acabei a Morgadinha. Pobre excelente herbanario! Por fim acaba-se tudo perfeitamente como o supunha!”



mostra como havia uma grande circulação de romances no século XIX, principalmente entre Europa e Brasil, que permitia que livros publicados originalmente em solo europeu fizessem parte do repertório de leitura de uma família nobre brasileira.

Bibliografia

Fontes primárias:

Documentos pessoais da Família Imperial Brasileira – Museu Imperial de Petrópolis – Acervo Grão-Pará

Catálogo da Coleção Teresa Cristina – Fundação Biblioteca Nacional

Livros e artigos:

ABREU, Márcia; VASCONCELOS, Sandra; VILLALTA, Luiz Carlos; SCHAPOCHNIK, Nelson. **Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX**. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>>

ABREU, Márcia. Uma comunidade letrada transnacional: reação aos romances na Europa e no Brasil. In: **Romances em movimento: A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

CHARTIER, Roger. História e Literatura. In: *À beira da falésia – a história, entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger et al. **Práticas da Leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.

DURRANI, Osman; PREECE, Julian. **Travellers in Time and Space: The German Historical Novel**. Amsterdam-New York: Rodopi, 2001.

FRANCISCON, Taís. Presença de Romances no Jornal *The Times*: Imprensa e Circulação de Livros de 1800 s 1820 no Reino Unido. In: **Anais do 12º SePeG**. Campinas: IEL/UNICAMP, 2015.

MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. **A Ficção Francesa e a Consolidação do Romance no Brasil**.

PRZYBOS, Julia. **Smooth Collaboration: Vitalism and Judaism in Erckmann-Chatrion's L'Ami Fritz**. In: *Models of Collaboration in Nineteenth-Century French Literature*. Routledge, 2016.

REID, Martine. **Madame de Genlis dans le champs éditorial de son temps**. In: *Revue de la BNF*. Vol. 39, n. 3, 2011, p. 38-45.



SCHUSTER, Ingrid. Popular Literature in Germany:1800-1850. **Canadian Review of Comparative Literature.** v. 8, n. 3, 1982.

VASCONCELOS, Sandra. Cruzando o Atlântico: Notas sobre a circulação de Walter Scott. In: **Trajétórias do Romance: Circulação, Leitura e Escritas nos séculos XVIII e XIX.** Campinas: Mercado de Letras, 2008.